



Ano III — N. 7
(Agô — 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

GUERRA REVOLUCIONÁRIA

I — GUERRILHA — GUERRA INSURRECIONAL

TEN-CEL BOLIVAR O. MASCARENHAS

II — RANGER MOSBY — HERÓI DA GUERRA DE SECESSAO

VIRGIL C. JONES

Tradução e Comentários de :

Cel A. J. VON TROMPOWSKY

Maj AMERINO RAPOSO FILHO



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos mostra-nos, desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo, então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo, assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

I — GUERRILHA — GUERRA INSURRECIONAL

Ten-Cel BOLIVAR O. MASCARENHAS
Do 11º RI

SUMÁRIO

I — HISTÓRICO

II — CONCEITUAÇÃO

III — DOUTRINA

- A) Definição
- B) Razões Estratégicas
- C) Calcanhar de Achilles
- D) Problema do Contrôlo
- E) Características
- F) Normas Gerais de Ação
- G) Princípios Táticos
- H) Condições de Chefia
- I) Desenvolvimento e Contrôlo de Comando
- J) Guerra Limitada

I — HISTÓRICO

Durante a última Grande Guerra vimos surgir o “Combate nas áreas de retaguarda” com aspectos e importância que o situou como um 4º tipo de luta a par das operações terrestres, aéreas e navais.

No início da guerra na Polónia, na Bélgica e na França, operando como força de desmoralização, bloqueando estrada, interrompendo comunicações e paralisando transportes na retaguarda das frentes por onde atacava o exército alemão, foi peça de capital importância no mecanismo das suas fulminantes ofensivas, logrando através de um espetacular desempenho foros de novidade a ser levada a crédito de uma genial organização militar, que parecia surpreender o mundo e demolir os conceitos convencionais da guerra — Era a 5ª coluna.

Mais adiante, eram as forças alemãs — em contraste com as 20 Divisões que tinham precisado para, em poucos dias, destruir os exércitos da Iugoslávia e da Grécia — que necessitavam de 45 Divisões para ocupação e policiamento desses países face a organização e progressivo fortalecimento da resistência desses povos em aceitar a dominação do vencedor, confrontado agora com mesma técnica de combate nas áreas de sua retaguarda — Eram os “Partisans”, pondo em choque as forças alemãs de ocupação.

Idêntica resistência à dominação inimiga, surgiria, no prosseguimento da guerra, na França com os "Maquis" e na Rússia com os "Guerrilheiros".

Contudo, nada de novo foi trazido pelos "5ª Colunas", "Partisans", "Maquis" ou "Guerrilheiros"; eles apenas fizeram aperfeiçoar e, de certo modo, sistematizar processos utilizados através de toda a história da humanidade.

O chinês Sun Tsu, no mais antigo tratado de estratégia que se conhece, já mencionava "ações subversivas" a propagar no campo inimigo.

Gedeão e David, na Bíblia, se revelam notáveis condutores de ações, em áreas de retaguarda, nitidamente irregulares em comparação com as normas da guerra clássica e convencional.

E, no decorrer dos séculos, um pouco de tais empreendimentos foi realizado em todos os recantos do mundo por Alexandre, César, Gêngis Khan, e outros grandes capitães da história.

A Espanha, em época mais aproximada, empregou a guerra clandestina e a guerrilha contra os exércitos de Napoleão.

Clausewitz, inspirado na insurreição prussiana contra a ocupação francesa, consagrou, em seus estudos, um capítulo à "guerra popular".

O próprio Napoleão empregou, a seu modo, uma "estratégia revolucionária" durante a campanha do Egito, quando tentou semear a subversão nos diversos setores do Oriente Médio.

O Cel T. E. Lawrence, o genial aventureiro e autor dos "Sete Pilares da Sabedoria", realizou, com a "revolta árabe", uma obra prima de "guerra insurrecional", em fins da 1ª Grande Guerra.

Finalmente, no Brasil, na guerra contra holandeses, temos um ótimo exemplo do emprêgo bem sucedido da "guerrilha" e — nas figuras de Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão — de autênticos chefes de guerrilheiros.

II — CONCEITUAÇÃO

Destas breves considerações à margem da História, ressalta a ocorrência de 2 ações diversas, conquanto, algumas vezes, empregando meios semelhantes:

- 1 — Ações em áreas de retaguarda de uma frente de ataque (5ª coluna e Comandos).
- 2 — Ações de resistência ao domínio de um invasor (partisans, maquis e guerrilheiros).

Estas ações, na maioria da literatura militar, de após-guerra, têm sido insatisfatoriamente grupadas como "Guerra Irregular", em oposição ao velho estilo da guerra convencional.

A definição corrente, "um modo irregular de conduzir a guerra, por meio de constantes ataques de grupos independentes" não basta.

Permanece a confusão entre os "guerrilheiros" atuando em sua terra natal, como ação de resistência ao domínio do invasor, e os incursores do tipo "comando" ou "5ª coluna", como ações de combate em áreas imediatas de retaguarda, as quais, a despeito da semelhança das respectivas táticas, são ações inteiramente diversas.

Os "comandos" em geral são tropas muito bem organizadas e muito bem instruídas. Vêm de fora do lugar onde atuam, usualmente são apoiadas por elementos do exterior, ou conduzem os seus próprios suprimentos; normalmente têm um objetivo limitado, que destroem por meio de rápida concentração de força, momentaneamente superior, procurando, em seguida, reunir-se às forças do seu país. Não são irregulares, são forças regulares de escol operando independentemente.

Enquanto a "guerrilha", ao contrário, é feita no próprio território. Realiza-se na região de origem dos componentes e a defesa da terra natal é o objetivo estratégico de suas operações.

Com êstes fatos se deparam os escalões responsáveis de tôdas as forças armadas de após-guerra, quando procuraram estabelecer doutrina e firmar princípios, face a crescente importância que tem assumido esta forma de guerra com o decisivo desempenho dos guerrilheiros de Mau Tzê sobre as tropas nacionalistas da China, a espetacular derrota da França na Indochina e a sua incapacidade para dominar a insurreição argelina que há quase uma década vem dessanguando o exército francês.

Tolhidos, ainda, êstes escalões, pelo grupo compacto do "Tudo ou Nada" (Guerra total), defensora do pensamento de que com o advento das armas nucleares e seu constante desenvolvimento se tornaram obsoletas e superadas quaisquer outras formas de guerra, preciosos anos perderam as nações democráticas do ocidente. E, por isso, agora confrontadas com ações de guerra, inspiradas pelas nações comunistas do leste, para as quais absolutamente não se achavam preparadas, pela ausência de um corpo de doutrina que, por fim, começa a ser estabelecido e ao qual não se poupam esforços, principalmente na América do Norte, para comprová-lo, testar e desenvolver. Através de "Escolas de Preparação" e "Centros de Aplicação" buscam aperfeiçoar o nascente corpo de doutrina e efetivamente preparar as forças militares norte-americanas para as guerras insurrecionais, que são, sem a menor dúvida, as guerras de nosso tempo.

III — DOCTRINA

Tanto quanto se pode depreender, do que a respeito tem sido ventilado, estas "Escolas" e "Centros" foram organizados tendo por base os seguintes conceitos e princípios:

A — *Definição* — "A Guerrilha é um processo de guerra empregado por aquêles (homens e mulheres) que vivem numa área ocupada ou

cercada pelo inimigo. O Guerrilheiro pode combater dentro de seu próprio país temporariamente sob o domínio do inimigo, ou num país estrangeiro que lhe seja favorável, mas, no momento, sob o jugo de um inimigo superior”.

B — *Razões Estratégicas* — No passado, a Guerrilha foi organizada por 3 razões estratégicas:

- 1 — Um povo conquistado tentando libertar-se de um opressor.
- 2 — Um exército derrotado deixando para trás grupos de guerrilheiros para inquietar o inimigo, enquanto o exército principal se reorganiza.
- 3 — Ações ofensivas planejadas e executadas em áreas de retaguarda inimiga, antes de um grande ataque, para confundir e ameaçar suas defesas.

C — O “calcanhar de Achilles” — O grande perigo das Guerrilhas, quando do tipo político, exemplificadas pelos Exércitos de Libertação, é que uma guerra insurrecional, uma vez iniciada, pode fugir ao controle ou passar para mãos indevidas.

D — *Problema do Controle* — Como controlar as Guerrilhas, quando do tipo insurrecional ou de libertação, é um problema militar em si.

Para conjurar este perigo, elas devem ser organizadas legalmente, desde os tempos de paz, com um propósito militar definido e com um estado-maior habilitado à sua direção e controle.

E — *Características* — 1) A Guerrilha apresenta-se ao adversário como um inimigo eminentemente “fluido e fugaz”, nunca oferecendo um objetivo militar compensador. 2) Está em toda parte e não está em parte alguma. 3) Incansável, permanente, agindo de preferência na calada da noite, infunde constante expectativa e desassossego. 4) Vigilante, nunca perde uma oportunidade, um “cochilo” do adversário para acutillar de surpresa e sumir na penumbra. 5) Incendeia, destrói pontes, mina estradas, interrompe ferrovias, dinamita oleodutos, tudo sem aparecer, sem se deixar apanhar, como se fôra um fantasma onipresente e invisível. 6) Assalta estacionamentos, depósitos, postos de suprimentos e ataca colunas em movimento com diabólico senso de oportunidade e sempre em momentânea superioridade seja em força, mobilidade ou de posição. 7) Sua atuação embaraça, quando não desorganiza, os melhores planos e impõe um estado de tensão que cansa e esgota os nervos mais rígidos. 8) Sua tática deve estar sempre adaptada às realidades do meio físico (montanhas, caatingas, deserto, selva, etc.); igualmente, deve estar em condições de explorar as deficiências, fraquezas, inexperiência, negligência, e imprudências do adversário (extraído da experiência francesa na atual guerra argelina). 9) Os fatores geográficos assumem relevante importância nas operações de Guerrilha. As regiões de montanhas, florestas e pântanos favorecem sobretudo suas operações. As regiões de planície, com boas estradas, sobretudo, são

desfavoráveis às suas operações, pois nelas o adversário pode, com mais facilidade, empregar todo o poder do moderno armamento. 10) Três são as áreas das operações de Guerrilha:

- 1 — Áreas efetivamente controladas pelos guerrilheiros.
- 2 — Áreas efetivamente controladas pelo adversário.
- 3 — Áreas não controladas efetivamente por nenhum dos dois.

A Guerrilha, nas áreas controladas pelo inimigo, necessariamente é subterrânea. 11) A Guerrilha é o meio de ação principal da Guerra Insurrecional, Revolucionária, ou que nome o condicionamento político a venha chamar.

F — *Normas Gerais de ação:*

- 1 — Se o inimigo avança, nos retiramos;
- 2 — Se o inimigo se entrincheira, o inquietamos;
- 3 — Se o inimigo se esgota, o atacamos;
- 4 — Se o inimigo se retira, o perseguimos;
- 5 — Se o inimigo "entrega os pontos", o destruimos;
- 6 — Neste método de guerra não se deve pensar em receber ou ... dar quartel.

(Síntese da doutrina de guerrilha de Mao Tze Tung).

G — *Princípios táticos:*

- 1 — Não entrar em batalhas perdidas e recusar o combate que não puder vencer;
- 2 — Agir sempre de surpresa;
- 3 — Evitar os combates estáticos, se o inimigo estiver com vantagem;
- 4 — Como a maior capacidade de manobra é vital para a guerrilha, não entrar em combate sem um pormenorizado plano de ataque e, particularmente, sem que o retraimento esteja cuidadosamente planejado;
- 5 — As forças defensivas locais devem ser vencidas politicamente ou derrotadas militarmente;
- 6 — Ser sempre superior em número num combate regular. Grupos já bem experimentados podem atacar unidades maiores quando em marcha, em repouso ou com segurança deficiente;
- 7 — Caso o efetivo do inimigo tenha sido subestimado, ou haja qualquer outro erro, ser capaz de se desaferrar do inimigo tão rapidamente quanto o atacaram; é de capital importância jamais se deixar fixar pelo adversário;

- 8 — Todos os chefes devem ter substitutos de confiança;
- 9 — Simular atacar a leste enquanto ataca a oeste;
- 10 — Evitar o combate com o grosso do inimigo, concentrando-se contra o seu elo mais fraco ou mais importante;
- 11 — Evitar que o inimigo localize o grosso das forças de guerrilha;
- 12 — Não se concentrar se o inimigo avançar e mudar de posições duas ou três vezes por dia, pouco antes de um ataque; o segredo dos movimentos é vital;
- 13 — Os planos de dispersão depois de um ataque devem merecer o mesmo cuidado que o plano de concentração para o ataque;
- 14 — A coleta de informações é de extrema importância para assegurar a imprescindível mobilidade e superioridade no ponto decisivo;
- 15 — A guerra psicológica é parte inseparável desse método de luta e o apoio da população é absolutamente necessário — ela é a base do exército de guerrilha.

H — *Condições de Chefia:*

- 1 — Coragem, audácia e astúcia;
- 2 — Vivacidade mental e resistência física;
- 3 — Persistência e firmeza de propósitos;
- 4 — Presença de espírito e senso de oportunidade;
- 5 — Em suma, excepcional espírito de liderança;
- 6 — A condição de chefia nasce das qualidades pessoais evidenciadas através das próprias ações.
Um "chefe guerrilheiro" não surge de uma hierarquia pré-estabelecida nem em atenção a outras considerações que não a da própria condução da guerrilha.

I — *Desenvolvimento e Contrôlo de Comando* — As Forças de Guerrilha se desenvolvem, das frações elementares (grupos) até subunidades, através de fases distintas de *arregimentação*, *organização* e *incorporação*, em consequência da ação pessoal de líderes natos que surgem à medida que o espírito de resistência se expande.

Estes Chefes naturais se mantêm, e apenas, quando da incorporação em unidades maiores são confrontados com chefes previamente preparados pelo "Comando Geral" e que até então agiam como elementos de ligação do mesmo.

Muito bem instruídos e selecionados, possuidores de conhecimentos militares indispensáveis, ao trabalho de comando e estado-maior de organizações militares regulares, por sua capacidade nata de guerrilheiros assumem sem contestação o comando da unidade, surgida da aglutinação

dos diferentes grupos aos quais já assistiam como elementos de ligação e conselheiros.

J — *Guerra Limitada* — O crescimento dos estoques nucleares e o desenvolvimento dos meios de lançamento dos engenhos dessa natureza, produziram uma situação tal, que o desencadeamento deliberado de hostilidades não limitadas se tornou uma linha de ação inaceitável, para ambas as partes, no atual conflito ideológico entre o Ocidente e o Oriente.

O desencadeamento da guerra total, agora, seria a destruição mútua, o que evidentemente não interessa a qualquer dos principais contendores.

Como alternativa surgiu o conceito da “guerra limitada”, com desencadeamento previsto, se possível, para fora do território nacional das partes contendoras e que, de um modo geral, assim pode ser resumido:

- a) a guerra total é inconcebível;
- b) a guerra limitada é a alternativa;
- c) a condição prévia essencial, para a guerra limitada, é a manutenção de um poder de dissuasão estratégico com tremenda capacidade de reação, em rapidez e eficácia;
- d) o adversário não deve ameaçar a soberania de seu inimigo, nem exigir rendição incondicional. As operações se restringem às ações contra forças militares da área de operações, respeitados os fundamentos do poder do inimigo;
- e) os objetivos políticos da guerra limitada devem ser suscetíveis de acomodação.

Desnecessário dizer que a Guerra Limitada, como vem de ser conceituada, faz sistema com a Guerra Insurrecional e o motivo porque está na consciência de todos e na boca dos teóricos militares — que a Guerra Insurrecional e as Guerrilhas são as guerras de nosso tempo. Basta que se considere, de um lado, o aspecto complementar de ambas no ataque e, de outro, que o único recurso que a História oferece a uma nação derrotada, afora a submissão, é um movimento de resistência à base da Guerrilha.

Os americanos se deram ao luxo, durante certo tempo, de ter uma doutrina de guerra de tudo ou nada, e que vitoriosos ou vencidos, saberiam o resultado poucas horas depois da deflagração da guerra.

De que assim não mais pensam abundam os indícios no noticiário da imprensa internacional e em perfeita acórdância com a doutrina militar que nos últimos anos vinha lutando para se impor a corrente dominante do tudo ou nada.

Pelo que pode fornecer, como subsídio, para a formação de uma mentalidade em nosso meio, adequada a importância da Guerra Insurrecional, e pelo que tem de comum com as atuais condições de nossas forças armadas vamos apresentar, textualmente, o pensamento de um

teorista militar que muito se bateu pelos princípios agora incorporados à política militar americana:

"Enquanto aperfeiçoamos a teoria e a tática da Guerrilha, não devemos ficar ociosos. Os Estados Unidos devem desenvolver seu potencial de guerrilha o mais cedo possível, com base nas melhores informações e experiências disponíveis. Vimos como movimentos de "partisans" improvisados proporcionaram a defesa em profundidade e outras nações. Ao mesmo tempo, vimos que isso ocorreu já demasiadamente tarde. Assim, como a inação pode ser fatal devemos desenvolver AGORA a nossa capacidade para a Guerrilha.

"O primeiro passo deve ser, naturalmente, um exaustivo estudo da matéria. Os nossos objetivos, e os meios para alcançá-los, devem ser claramente estabelecidos em nossas mentes. Devemos criar uma teoria firme do movimento de resistência, e determinar quais as organizações e a tática mais adequada para concretizá-lo.

"Naturalmente, qualquer nação derrotada militarmente deveria possuir meios de manter a sua cultura em face de uma transformação social organizada, o que só pode ocorrer através um movimento de resistência. Sem dúvida, a concepção da Guerrilha como instrumento de cultura e como força militar simultaneamente é muito elevada, não obstante, há precedentes históricos a indicar essa linha de ação. Todos os países que fizeram a guerrilha organizaram escolas para o treinamento de "partisans". Eram escolas predominantemente técnicas, mas o mesmo tipo de atividade poderia ter fins políticos e culturais, como o fez Mau Tzê na China Comunista.

"Assim, consideradas as condições políticas e militares que apontam a necessidade de uma teoria global da Guerrilha, podemos concluir que o aumento da mobilidade na guerra e a tentativa de se impor ao vencido a estrutura política e social do vencedor exigem que organizemos a defesa em profundidade. A experiência mostra que a única defesa em profundidade eficaz foram os movimentos de resistência. A lenta evolução desses movimentos e a sua diversidade indicam que urge uma teoria bem fundamentada que permita uma resistência planejada antecipadamente.

"Outra tendência negligenciada é a dos guerrilheiros criarem um exército nos moldes do regular. Não se ganha a guerra só com a resistência, daí a necessidade de iniciar, tão logo o possam fazer, a transição para um novo exército nacional, de modo a poderem eventualmente assumir a ofensiva e expulsar o inimigo da sua terra.

"Em qualquer país onde se procure a sobrevivência nacional, esta ampliação da guerrilha deve merecer a maior atenção.

"Com uma sólida teoria a ampará-la, muitos óbices podem ser eliminados. Estabelecendo uma cadeia de comando, os conflitos de autoridade se reduzirão ao mínimo, nos maus tempos. Treinando os guerrilheiros durante a paz, prepararíamos o seu potencial de guerra. Reunindo armas e suprimentos, usaríamos efetivamente o material que está se tornando obsoleto para o exército regular, mas válido, ainda, para os guerrilheiros.

"A luz dos nossos atuais conhecimentos sobre a guerrilha, essas coisas deviam ser feitas já.

"Não há porque não incorporar uma doutrinação sobre guerrilha a todas as fases da nossa atual instrução militar. Não seria preciso aumentar o período de instrução, apenas se abriria novo horizonte no treinamento, mostrando como ele pode ser empregado na guerrilha.

"Dêsse modo prepararíamos as nossas forças armadas, com o seu selecionado pessoal dedicando-se a tarefas adicionais como cidadãos-soldados. Os militares profissionais estariam preparados para o dia em que suas unidades fossem destruídas ou dispersadas.

"Uma das maiores fontes para as unidades de guerrilheiros estaria no vasto depósito do pessoal da Reserva. Com sua experiência militar, esses homens representam o melhor potencial humano para as operações de guerrilhas.

"A nossa capacidade para a Guerrilha deve ser desenvolvida agora através de um estudo completo dos seus métodos e introdução do treinamento correlato nos atuais programas de instrução militar".

(EDWARD F. DOWNEY JR.)

De que esta Doutrina está em ação nos dá conta o Noticiário Internacional:

P. N. De 20 Mar 61. Dão os E. U. finalmente indicações precisas a respeito da tão anunciada mudança na política militar do país. Os primeiros dias de março foram particularmente agitados por esse problema, devido não apenas à expectativa por ele criado em todo o mundo, como também pelo conjunto de sugestões enviadas pelo Secretário de Estado, Sr. Deam Rusk, ao Secretário da Defesa. A grande preocupação da atual administração norte-americana parece ser a de preparar as forças militares norte-americanas para as guerras revolucionárias.

Além da projetada reforma militar, já estão sendo tomadas algumas medidas concretas, segundo as exigências dessa nova visão do conflito mundial. Em Fort Bragg, Carolina do Norte, acaba de ser inaugurado o primeiro "Curso de Guerra Contra Guerrilhas", do Exército Norte-Americano.

("Diário de Belo Horizonte" de 7-IV — transcrição).

O Departamento do Exército americano anunciou que seria aberta uma "Escola de Treinamento" para militares dos países da América Latina nas táticas de guerrilha no próximo verão, em "Fort Guillocki", Zona do Canal do Panamá. As aulas serão ministradas em espanhol.

—:O:—

FONTE DE CONSULTA

- MENSÁRIO DE CULTURA MILITAR (ANO DE 1960).
- MILITARY REVIEW (MAIO 1958, NOV 1959).
- POLIGRAFIS ES A O (1959).
- C 31-20 (1959).
- RED STAR OVER CHINA (SNOW).
- RED CHINA'S FIGHTING HORDES (RIGG).

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gen Tasso Fragoso.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fragoso.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.
- 7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragoso.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Fragoso.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionísio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.
- 17 — CAXIAS E NOSSA DOCTRINA MILITAR — Maj Amerino Raposo Filho.
- 18 — A MANOBRA NA GUERRA — Maj Amerino Raposo Filho.

II — RANGER MOSBY — HERÓI DA GUERRA DE SECESSÃO (*)

VIRGIL C. JONES

Trad. e Comentários de:

Cel A. J. VON TROMPOWSKY

Maj AMERINO RAPOSO FILHO

NOTA DOS TRADUTORES

O que se vai ler revela o valor extraordinário da audácia e da liderança de homens que, sem constituírem um grupamento de forças regulares, atuavam contra as tropas federais durante a Guerra de Secessão dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Em que pèse o sabor próprio das ações emocionantes de MOSBY e seus homens, há um outro aspecto interessante e que exponta da meditação dessas lutas. É que a primeira “guerra total” da história militar, êsse conflito gigantesco de forças verdadeiramente ciclópicas no interior da comunidade americana, que foi, em última análise, a Guerra de Secessão, aí está como celeiro para as pesquisas que se intentarem relativamente às Guerrilhas, à Guerra Irregular. Pois aí se contém as ações de grupamentos nas retaguardas adversárias, destruindo comboios de suprimento de toda ordem; fazendo saltar trens que atendiam aos Exércitos e aos Corpos de Exército em operações. Incursões contra acampamentos e colinas em marchas. Enfim, sistemática preocupação no sentido de reduzir a capacidade combativa do inimigo atuando, se possível, em toda a profundidade da área ocupada pelas forças adversárias. Embora a 1ª Grande Guerra apresente muitas ações de guerrilhas, no Oriente Médio, contudo só durante a última “guerra total” é que vamos encontrar a guerrilha, com tamanha importância.

E desde que começou a Campanha, aparecem os guerrilheiros em ação. Mesmo Chefes como GRANT, que de início não atribuía muita importância aos guerrilheiros, dizendo em 1862 que “as unidades partisans não prejudicavam a causa da União”, dois anos depois mudava de pensar e determinava a SHERIDAN para “destruir e apossar-se das colheitas, animais, negros e todos os homens de menos de 50 anos de idade capazes de pegar em armas; dêsse modo, você prenderá muitos

(*) Capítulo de um livro de operações de guerrilhas a ser oportunamente publicado.

homens de MOSBY". E completava, pouco depois: "Não há dúvida sobre a necessidade de limpar a área de modo que a mesma não apoie o bando de MOSBY".

Depois da Guerra, diria, aliás, SHERIDAN, em seu relatório oficial ao Chefe do Estado-Maior do Exército (26-IV-1866), relativamente aos guerrilheiros e a MOSBY:

"Durante esta campanha fui às vezes inquietado pelos bandos de guerrilheiros, dos quais o mais ameaçador estava sob o comando de um chefe guerrilheiro chamado MOSBY..."

Portanto, a ação dos guerrilheiros esteve presente em todas as fases da Guerra Civil e um nome que se afirma, desde logo, com extraordinário realce, é o de MOSBY. Por isso, resolvemos mostrar uma das ações desse líder realmente notável, mas antes aproveitemos alguns dados de sua vida como guerrilheiro.

RANGER JOHN S. MOSBY, que se tornaria durante a Guerra perfeito conhecedor dos verdadeiros fundamentos e conceitos das guerrilhas, organizou sua unidade de Cavalaria de Guerrilheiros e tinha seu emprêgo orientado pelo General Confederado JEB STUART. Era natural da VIRGÍNIA e formado em Direito, exercendo a profissão de advogado quando irrompeu a luta entre nortistas e sulistas. Durante mais de 2 anos, conduziu seus guerrilheiros em seu próprio Estado, desenvolvendo uma campanha que muito concorreu para o desgaste e a desmoralização do Exército adversário. Ora atacava comboios isolados, ora saqueava depósitos de suprimentos e surpreendia os acampamentos pela madrugada. Muita vez a ação era diretamente contra as ferrovias, fazendo saltar composições pelo arrebitamento dos trilhos; ou, então, dirigia incursões isoladas aos Postos de Comando, para raptar Generais. Muitas decisões de Comandantes de Corpo de Exército sofreram a ponderável influência das informações trazidas pelos guerrilheiros de MOSBY.

Já vimos como pensavam GRANT e SHERIDAN a respeito de MOSBY. Eis um outro depoimento de GRANT, depois da guerra: "Muito poucos chefes sulistas se destacaram como MOSBY no comando de destacamento isolado, tanto na retaguarda do Exército adversário, como nas proximidades da zona de combate, por um longo período e sem deixar de exercer sua completa liderança". Afirmava o General LEE, revelando um profundo respeito por esse herói: "Eu desejava ter mais 100 homens como ele..."

Na verdade, o que o Coronel MOSBY considerava como fundamental, era realizar tudo aquilo que o inimigo julgasse impossível de ser feito. Eis em que bases assentava a segurança de suas ações. E assim entendendo, preparou-se o pequeno e esguio guerrilheiro para começar a luta, instalando seu Quartel-General nas proximidades de WASHINGTON, daí partindo para reunir-se a seus companheiros de aventura, perto de UPPERVILLE, na VIRGÍNIA, num sábado muito frio, de 9 de janeiro de 1864. A própria escolha do período para iniciar as operações — in-

tenso inverno e muita neve — fôra intencional, pois entendia MOSBY que seria fácil surpreender as forças inimigas, se atuasse nessa época.

É precisamente o relato de parte desta façanha, que um dos biógrafos de MOSBY, VIRGIL CARRINGTON JONES, relata e que adiante vai transcrita.

Conforme o leitor terá oportunidade de ver, o raide conduzido por MOSBY às alturas de LOUNDOUN, logo no início de sua longa jornada de guerrilheiro, foi de certa forma um fracasso. Mas, convenhamos, os “rangers”, como eram conhecidos seus valorosos homens, tiveram de bater em retirada, mas quantos soldados federados não foram mortos ou feridos? De qualquer forma, foi êsse um dos poucos fracassos que teve o grupamento de MOSBY. E a continuação das atividades dos “rangers” foi tão desmoralizante para as forças nortistas, que o General GRANT colocou a prêmio sua cabeça.

Com o findar da guerra e o assassinio de LINCOLN, voltou o nome do Coronel MOSBY a ser focalizado, e isso porque, juntamente com o atentado de BOOT a LINCOLN, outro indivíduo, de nome LEWIS POWELL e que tinha sido um “ranger” durante a Guerra Civil, tentou matar o secretário SEWARD. Apenas por estar um “ranger” envolvido nesse caso, pretendeu-se responsabilizar MOSBY, sendo julgado, inclusive, um fora da lei. Posteriormente, apurou-se que POWELL, que foi enforcado, há mais de ano que não integrava os “rangers”, pois havia desertado dêsse grupamento.

Acabado êsse drama, cujas raízes ainda mergulhavam no verdadeiro pânico de que eram tomados os nortistas quando informados dos feitos de MOSBY e seus “rangers”, foi o herói guerrilheiro reconhecido como oficial sulista, voltando às suas atividades civis como advogado. Muitos anos depois, precisamente no período de 1878-1885, serviu MOSBY no consulado de HONG-KONG, a convite do presidente HAYES. E lá no Oriente teve oportunidade, se o quisesse, de comandar uma força chinesa contra os franceses, que para isso foi convidado. Contudo, não aceitou e isso porque entendia não dever atuar contra um país, que muito auxiliara à sua Pátria.

Regressando aos ESTADOS UNIDOS, aí viveu até o ano de 1916. Nesse período, “viveu como um pobre, intolerante e velho irascível, discutindo constantemente em defesa do seu herói JEB STUART. Parecia que êle próprio sentia que estava vivendo além do período de glória”. Tanto que, pouco antes de morrer, teve oportunidade de dizer: “Eu desejava que a morte tivesse chegado, quando eu ainda me encontrava em meio aos amigos e diante das paisagens que amei”.

* * *

Eles surgiram no horizonte, vindo de tôdas as direções, e se aproximaram cautelosamente, isolados ou em pequenos grupos, seguindo suas próprias picadas através das vastidões inexploradas. Pelo aspecto apresentado, percebia-se que alguns tinham enfrentado grandes tempestades de neve, cujos vestígios ainda se viam na neve agarrada ao pêlo delicado dos cavalos. Ainda agora, o céu cinzento pressagiava nova chuva de neve

antes do cair da noite, segundo afirmavam os homens mais jovens, enquanto os mais idosos acreditavam apenas na queda brusca da temperatura.

Ao meio-dia, chegaram 106 homens originários, em igual proporção, das três Companhias. MOSBY parecia satisfeito com o valor da força e assumiu a liderança, quando a coluna se deslocou para o Norte. A noite vinha caindo, quando a cavalgada parou na residência de HENRY HEATON, bem acima do distrito de LOUNDOUN, sem nenhum aspecto de tropa militar, todos com pesados capotes, capas e botas. Este "Ranger" viera na frente para avisar sua família da aproximação da horda de guerreiros famintos e, assim que eles chegaram, em todos os quartos da espaçosa mansão brilharam fogos, ao mesmo tempo em que no rés-do-chão, no grande salão de jantar, fôra colocada a comida do agrado da cavalgada. Uma, duas, três horas se passaram rapidamente. Foi quando chegou um correio de STRINGFELLOW, informando que um outro reconhecimento se fizera em toda a área e tudo era favorável ao ataque. E que ele ficara com 10 homens perto de HARPER'S FERRY.

MOSBY ordenou, então, que seus comandados montassem a cavalo, exatamente às 2100 horas. A noite apresentava uma quietude tranquilizante e o céu estava apinhado de estrelas, sem as nuvens que havia durante o dia.

Os "Rangers" cavalgaram durante horas seguidas em meio a essa tremenda friagem, mas todos em silêncio, curtindo suas próprias amarguras. Muitos prendiam as rédeas nos dentes e escondiam as mãos debaixo da manta, para aproveitar diretamente o calor da pele de suas montarias. Outros faziam um buraco no centro dos cobertores e por aí passavam a cabeça, usando o agasalho sobre os ombros, à guisa de barraca. Havia também os que, de vez em quando, saltavam da sala e corriam no terreno, seguindo o tapete de neve feito pelas patas dos animais, e visando a manter o sangue aquecido. A situação já ia muito difícil de madrugada, quando MOSBY fez alto com a coluna e mandou acender fogueiras, saindo JOHN UNDERWOOD e outros companheiros conhecedores da floresta, a se espalharem por entre as árvores, procurando galhos e gravetos. Em poucos segundos, estalava e queimava a madeira, revezando-se os guerrilheiros em volta da fogueira. SMITH e WILLIAM CHAPMAN estavam juntos; este, mostrava ao seu amigo o bonito relógio de ouro que lhe fôra dado pela espôsa como presente de aniversário.

Após uma outra cavalgada que parecia não mais terminar, o mensageiro que viera à casa de HEATON conduziu-os a um local abrigado no rio POTOMAC, situado a 1,5 milha abaixo de HARPER'S FERRY, onde encontraram STRINGFELLOW e seu grupo que os aguardavam. Assim reforçados, dirigiram-se os guerrilheiros para NO ao longo da margem e no sentido da corrente, na direção de FERRY. Aproximava-se a hora crítica da manhã e o frio atingia o máximo de intensidade, congelando inteiramente o rio, que aparecia com uma côr esbranquiçada. Viam-se na outra margem do rio, ao longo do caminho, sentinelas que

caminhavam em volta de fogueiras. Como o Chefe MOSBY não tivesse anunciado seu plano, alguns guerrilheiros pensaram que êsse acampamento do outro lado do rio fôsse o objetivo da expedição; porém, evoluíram para outro, quando ouviram o silvo de uma locomotiva, bem ao longe.

HARPER'S FERRY teve um destino inglório durante a guerra, pois ficou sob contrôlo de vários Exércitos, não possuindo mais nada, que seu arsenal fôra destruído. Ultimamente, estava em mãos dos federais, muito fortificada e mantida por tropas de Cavalaria e Infantaria. Destacando-se no horizonte, ao Norte, viam-se as alturas de MARYLAND, com suas escarpas cobertas de árvores e vegetação rasteira, que se destacavam como "tôrres". Foi para essas montanhas, a se projetarem contra as estrélas no firmamento, que STRINGFELLOW conduziu os "rangers". Nas proximidades da ponte existente sôbre um pequeno arroio, onde se sabia que piquêtes aí estacionavam, desbordou pela esquerda, orientando a coluna por um denso bosque de pinheiros de uns 200 metros, alcançando sôbre o rio SHENANDOAH. Nesse local, esclareceu STRINGFELLOW, apontando para uma casa grande e bem construída, do lado esquerdo da estrada, estava o Quartel-General de COLE e, por trás dêle, ficava o acampamento.

Vencido o bosque, prosseguiu o grupo, avançando mais pela esquerda e parando na base da encosta cheia de mato, que tinha de ser escalada para alcançar o acampamento. Depois que os homens foram, um a um, cerrando com seus cavalos, começou a escalada. Era comum escorregar-se na neve e a solução para procurar o equilíbrio, estava em agarrar desesperadamente nos galhos das árvores ou em outra qualquer coisa que proporcionasse apoio. O único barulho que se ouvia era o bufar dos animais e a respiração ofegante dos homens.

MOSBY foi dos primeiros a empreender a escalada e, quando chegou à crista, apenas encontrou espaço para os guerrilheiros se introduzirem entre a primeira fileira de barracas e a escarpa. Deixando a SMITH o encargo de apressar o restante da força pelo caminho precário, lançou-se rapidamente a reconhecer o acampamento, com discrição e silêncio, regressando poucos minutos depois. Só encontra no acampamento homens dormindo. Tirante o ronco dos federais, que estavam muito bem agasalhados, todo o restante acampamento estava num silêncio tumular.

A essa altura, já os guerrilheiros estavam na crista, prontos para a ação, e parecia a MOSBY que a captura de todo o acampamento era coisa certa. STRINGFELLOW estimou até o anoitecer, de 175 a 200 o número de homens de serviço. Daí o extraordinário sentido que teria para êsses homens uma vitória, que iria compensar tudo o que haviam sofrido.

O vento soprava ao longo da encosta, vindo da retaguarda, produzindo um grave ruído e removendo flocos de neve, que zigzagueavam como "camondongos" do campo ao longo das filas de barracas. Soltou-se um pedaço de lona perto do local onde estavam os homens, drapejando por algum tempo, para depois voltar à imobilidade primitiva.

Mais uma vez, o líder esguiu lançou seu olhar profundo pelo acampamento, que se destacava na escuridão da noite pelo branco da neve, voltando-se depois para seus Tenentes que, um a um, saíam para executar as ordens recebidas. STRINGFELLOW e 10 homens se incumbiram de cercar a casa no promontório e capturar o Major COLE e seu Estado-Maior. O Capitão SMITH e seu grupo tinham a missão de apoderar-se dos cavalos e das mulas. MONJOY, juntamente com 6 homens, para capturar o piquête que eles tinham evitado na ponte, quando chegavam, enquanto o líder ficava com a tarefa de atacar o acampamento com os homens que restassem.

Tiraram-se os cobertores, com buraco no centro, dos ombros dos homens, colocando-os na parte posterior das selas; afrouxaram-se capas e casacos. Exercitavam-se os dedos, quase que completamente endurecidos pelo frio, tirando-se as luvas e comprimindo os revólveres contra as mãos. Mas tudo isso parecia menos torturante do que, na verdade, acontecia, dado o estado de excitação dos "Rangers". Enquanto aguardava que todos os grupos atingissem seus pontos de destino, MOSBY separou um certo número de homens dos que tinham ficado com ele, espalhando-os pelo acampamento e prontos a agarrar os "yankees" de surpresa, quando eles saíssem sonolentos de seus abrigos. Em poucos minutos, toda a força estava pronta para agir, de revólveres nas mãos e olhos fixos nas fileiras de barracas, ocasião em que os demais grupos já deviam estar quase todos nos pontos de destino.

Subitamente, soou um tiro como um trovão no silêncio do acampamento, produzindo som forte, áspero e cortante, vindo da direção tomada por STRINGFELLOW. Não se conseguiu jamais precisar a causa dessa detonação. Como na frente do estábulo onde se abrigavam os cavalos dos oficiais, estivessem várias carretas, nas quais se amarraram muitas mulas, é provável que os "rangers" tenham falado em voz alta, quando se aproximaram para apresá-las, e algum homem do PC estivesse acordado, ou fôsse abandonado pelo grupo de STRINGFELLOW, que entrou no PC de COLE. Quem sabe, a tensão de nervos de algum "ranger" não tenha feito acionar o gatilho ou o tiro possa ter partido do próprio acampamento? Ninguém sabe, ao certo, a resposta verdadeira, mas o fato é que a luta que se seguiu foi furiosa e muitos homens perderam a vida, em consequência.

Com a detonação, MOSBY e seus homens pararam, surpresos, quase sem saber o que fazer. Foi quando surgiram na crista da montanha cavaleiros que vinham da direção do PC, numa carga selvagem. Eram do grupo de STRINGFELLOW, porém não se pôde identificá-los na escuridão da noite, o que fez que os "rangers" desencadeassem um fogo mortífero contra eles, ferindo ou matando 6, antes que o equívoco fôsse percebido. O acampamento entrou em ação, como verdadeira labareda que se projeta no espaço. Carros de armas surgiam nas aberturas das barracas e atiravam suas cargas mortíferas no escuro, em meio à confusão reinante. Ao longo das fileiras de barracas cada vez mais aumentava a fúria do tiroteio.

"Atire em todo homem montado!"

"Companheiros, não corram para seus cavalos!"

"Incendiai as barracas e atirai nos homens que nela estiverem, logo ao amanhecer!", eram algumas das frases que se ouviam, em meio à gritaria ensurdecedora.

Os federados, acordando com êsse pandemônio, procuravam, aterrorizados, explicação para a súbita interrupção do sono, e saíam para a neve, completamente atordoados; alguns sendo logo baleados, outros conseguindo reunir-se aos demais companheiros para resistir com suas carabinas atrás de algum obstáculo, respondendo ao fogo dos atacantes, que eles não conseguiam identificar. Alguns correram para as moitas existentes nas encostas da montanha e de lá desencadeavam um fogo mortífero contra o acampamento.

Em tôda aquela confusão, destacavam-se as vozes de MOSBY, SMITH, TURNER, CHAPMAN e outros, gritando para que seus homens carregassem. Cada vez mais se tornava cerrado o tiroteio. Arrebetavam-se barracas a bala. Viam-se, espalhados pelo chão, muitos homens fardados de cinza e azul; uns ao lado de poças de sangue; outros rastejando em busca de abrigo, como era o caso de TURNER, que foi auxiliado por um dos nossos, sendo arrastado para fora do acampamento.

Agora, o fogo dos federais vinha principalmente da casa onde estava o Pôsto de Comando e das estrebarias ao lado. O Capitão VERNON, integrante do grupamento de COLE, reuniu a Cavalaria "Yankee" ao lado do acampamento, e resistia de modo tenaz e obstinado. Êsse perigo muito sério foi prontamente percebido por MOSBY que, além do mais, notava que muitos de seus homens atiravam, uns nos outros, no meio daquela confusão. A coisa se agravou muito, quando foi dado um tiro de sinalização na parte elevada dos reforços, em poucos minutos, vindos dos milhares de infantes de HARPER'S FERRY. Daí ter compreendido MOSBY que não teria nenhuma finalidade útil qualquer prosseguimento da resistência que seus homens vinham opondo. Daí ter ordenado, aos gritos, a retirada em direção a HILLSBORO. Contudo, seus gritos não foram ouvidos por todos os "rangers". Alguns, ao contrário, o que ouviram eram gemidos de seus companheiros feridos. FOUNT BEATTIE, por exemplo, se arrastava pelo chão, com o segundo ferimento em sua carreira de guerrilheiro. O mesmo acontecia a CHARLES PAXON e WILLIAM E. COLTAN, ambos ainda convalescentes e agora mortalmente feridos. JOHN ROBINSON, escocês e ex-Capitão do Exército inglês, estava morto e, próximo, morria JOSEPH W. OWENS.

Quanto a CHAPMAN, voltou apressadamente ao acampamento, pensando ali encontrar MOSBY, que julgava ferido; tanto que, vendo o Capitão SMITH carregar HENRY EDMUNDS na garupa, gritou-lhe: "Venha, que MOSBY está lá. Vamos apanhá-lo". Foi aí que o Capitão SMITH deixou EDMUNDS com outro "ranger" e os dois cavalgaram de volta. De passagem, reconheceram o Tenente GRAY e mais 3 companheiros, inclusive JOHN TYLER GRAYSON, num canto do acampamento, o qual a eles se juntou. O fogo já se deslocara para a parte de trás do acampamento, perto da montanha, na qual resistiam os federais nas moitas e onde o Capitão VERNON, da Cavalaria de COLE, estava caído com

sério ferimento na cabeça e sem nenhuma ajuda. Nessa altura, gritou CHARLIE PAXSON, que divisara a aproximação dos 3 guerrilheiros:

“Vocês não vão me deixar aqui!”

Então, GRAYSON voltou para apanhar mais um cavalo, quando partiu um tiro de uma barraca próxima. SMITH e CHAPMAN imediatamente responderam ao fogo de carabina do Sargento “Yankee”, que ajoelhou-se e levantou sua arma, continuando a atirar a êsmo, depois de retirar a proteção da barraca. SMITH jogou-se da sela, caindo para o lado direito, mas seus pés ficaram presos nos estribos, o que provocou a batida da cabeça na neve, formando-se uma poça de sangue, em seguida.

Quando CHAPMAN, que também saltará do cavalo, chamou por seu companheiro e não obteve resposta, voltou e forcejou para levantar SMITH e colocá-lo na sela. Mas o fardo era muito pesado e o que fez então, foi apenas soltar os pés de SMITH dos estribos e levar o cavalo para fora do acampamento. De passagem, encontrou GRÁY e a êle pediu auxílio para apanhar o corpo de SMITH e, também, procurar MOSBY. Foi quando GRAY informou que MOSBY já havia ordenado a retirada e êles eram os únicos homens que ainda restavam para trás. Ao que os dois empreenderam desenfreada galopada, no encalço dos “rangers” que se retiraram.

Em pouco tempo, organizaram os federais a perseguição e, quando rompeu a aurora, foi fácil encontrar os rastros deixados pelos cavalos dos guerrilheiros, por aí se lançando para acutilá-los, seguindo pela neve o curso do rio SHENANDOAH, até próximo a uma região, que se situava algumas milhas acima do local onde êle desemboca no POTOMAC, em HARPER'S FERRY. Nessa altura, terminou a perseguição, pois desapareciam as marcas dos cascos de cavalos, que o itinerário seguido pelos guerrilheiros cruzava o rio e seguia diretamente para um alto píncaro. Foi em vão a exaustiva procura do rastro, do outro lado do rio, e assim os homens que atacaram as alturas de LOUNDOUN, prosseguiram sem ser molestados pelas tropas federais.

Os conceitos emitidos nos artigos assinados em a SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR, são da exclusiva responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, orientação da Diretoria da Revista.

Os originais publicados poderão ser transcritos, salvo quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e o autor.

A correspondência para SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR deverá ser endereçada a:

Maj Amerino Raposo Filho

“A Defesa Nacional”

Ministério da Guerra — Rio de Janeiro — Brasil.